

**Por onde anda Helena Ribeiro? Memórias sonoras em veículos impressos:
esboço de minibiografia construída a partir de jornais e revistas da Hemeroteca
Digital da Biblioteca Nacional¹**

Nísio Teixeira²

Selene Machado³

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Resumo

O presente trabalho apresenta uma minibiografia dos primeiros anos da carreira da intérprete e compositora Helena Ribeiro, organizada a partir da busca por jornais e revistas da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, diante da ausência de qualquer informação mais sistematizada sobre a vida e obra da cantora negra nova-limense. Lançada pelo compositor e radialista Rômulo Paes no início dos anos 1950, em pouco tempo Helena se torna cantora revelação e rainha do rádio mineiro, além de atuar nas rádios Inconfidência, Guarani, em vários espaços na capital mineira e mesmo fora dela. Além da minibiografia, o trabalho reitera a importância da imprensa como local de memória, sobretudo do audiovisual brasileiro.

Palavras-chave: Memória; Hemeroteca Digital; Rádio; Belo Horizonte; Helena Ribeiro.

Introdução: periódicos como ‘locais de memória’

Como lembra Fausto Colombo (1989), por trás do fenômeno da explosão informacional se trava outra impressionante batalha: a do homem com sua própria memória. Uma evolução, cada vez mais intensa, e que recai em um paradoxo: transformação dos objetos do hoje em ontem e do ontem em hoje. Já àquela época, Colombo comentava como os processos de arquivamento (construído sobre o medo da perda da lembrança) se unem à eletrônica (para o combate ao esquecimento) criando uma espécie acomodação em não praticar, exercitar a memória, mas saber que a recordação está depositada em algum lugar e que sua recuperação é, pelo menos na teoria, possível. Na crítica de Colombo, privilegia-se mais a *mneme* (faculdade de conservação) do que a *anamnesis* (recuperação) do passado.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. (PPGCOM/UFMG). Integrante do grupo de pesquisa Escutas. E-mail: nisiotei@ufmg.br

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, bolsista pela Capes, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), à qual agradece. E-mail: selenemachado93@gmail.com

Em ocasião anterior comentamos como os arquivos, e deles, os relatos jornalísticos podem identificar uma determinada época e lugar. Por isso, num exercício de recuperação do passado sobre periódicos conservados, podemos ter neles “um documento histórico que reflete e reúne uma múltipla interpretação e tratamento de fatos ocorridos na história, também escritos e organizados a partir de um determinado local e circunstância” (Teixeira, 2008, p. 68). Afinal, o jornal não é simples mediador. Ele fala de um lugar – e de um tempo – e também dialoga com outros atores sociais que não ele próprio (Carvalho, 2012). A partir das reflexões de Pierre Nora e em concordância com Maduell (2015), pode-se mesmo assumir a premissa de que jornais e revistas devem ser assumidos como “locais de memória”, pois neles se articulam os sentidos material, funcional e simbólico, defendidos pelo autor francês: “material, tratando-se de um produto cultural, disponível para consulta em bibliotecas e bancos de dados; funcional, por seu caráter de prestação de serviços e informação; e, por último, pelo que representa no imaginário social.” (Maduell, 2015, p.5)

Memórias sonoras em veículos impressos

Assim, nessa combinação de textualidades diversas presentes nos periódicos, vários jornais e revistas acompanharam e documentaram a evolução do rádio na sociedade brasileira, publicando programações, colunas especializadas e até mesmo programas inteiros, como radionovelas. Nos anos 1950, com o rádio no auge da popularidade e do consumo nacionais, surgem várias revistas voltadas para o universo radiofônico, como, por exemplo, *Radiolândia* e *Revista do Rádio*, que terão também suas páginas dedicadas à cena do rádio em Minas Gerais: *Noticiário de Minas*, por J. Celso Gomide, depois por Jorge Azevedo e Caio Lafetá (*Radiolândia*) e *Rádio de Minas*, por Wilson Ângelo, depois substituído por Nelson Sheffick (*Revista do Rádio*). Também periódicos, como o jornal carioca *Correio da Manhã*, terá, em sua seção sobre rádio e TV, a *Coluna de Minas*, escrita pelo correspondente Ely Murilo Cláudio, que também atuava na *Folha de Minas*. Mesmo na cena mineira, periódicos locais como a revista *Alterosa*, serão veículos de destaque para a cena radiofônica.

Tais seções são exemplos de um jornalismo que acompanha a produção da indústria cultural da época e são marcadas pela análise e popularidade das canções e radioteatros; os bastidores contratuais das emissoras (dentro e fora da então capital federal); o contato, a manifestação e as enquetes dos fãs, em uma narrativa em torno dos

rumos da própria indústria radiofônica a qual, sabemos, iria se criar e se consolidar, ainda que sob censura em meio ao impacto nacionalizante do projeto varguista (1930-1946) antes de atingir seu ápice na década seguinte.

Compreender os processos de produção jornalística nessas seções, bem como sua correlação com as músicas que despontavam na mesma época, parece-nos importante e essencial. Além, é claro, de combinar as potencialidades existentes dos recursos on line hoje disponíveis para a pesquisa das publicações e músicas daquele período, que possam, duplamente, divulgar o valor e o potencial dessa produção, ao mesmo tempo em que funcionam como registro – ou rastro – de um produto ou processo sonoro ou audiovisual cujo acervo físico na grande maioria das ocasiões se perdeu ou se extraviou.

No caso, optamos pela intérprete Helena Ribeiro, primeiramente, pelo corte interseccional - uma artista mulher, negra e de destaque na cena do rádio da Belo Horizonte dos anos 1950. A interseccionalidade é um termo que surge ligado ao feminismo negro, na tentativa de explicitar que diferentes eixos de opressão produzem efeitos ao se entrecruzarem. E considerar apenas um desses eixos tenderia a, por exemplo, desfavorecer mulheres negras ao comparar seus desafios tomando como parâmetro mulheres brancas ou homens negros. Crenshaw afirma que “há mais a ganhar desafiando coletivamente a hierarquia, em vez de cada discriminado buscar individualmente proteger sua fonte de privilégio dentro da hierarquia.” (Crenshaw, 1989, p. 145) Ou ainda, “se há desafios para mulheres acessarem certos espaços, por exemplo, essas podem ser favorecidas ou prejudicadas de acordo com sua sexualidade, cor, classe etc”. (Ziller et al, 2022, p.102).

Há poucas informações sistematizadas existentes sobre a cantora e compositora - ela não integra sequer o célebre *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira* ou qualquer outra fonte de referência mais geral consultada sobre artistas e músicos. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo reunir um primeiro esforço nessa direção de criar uma minibiografia sobre a intérprete recorrendo à Hemeroteca Digital.

Metodologia hemerográfica na Biblioteca Nacional

Boa parte do acesso remoto a publicações como as citadas anteriormente só é possível graças ao processo de digitalização da hemeroteca da Biblioteca Nacional (BN), criada com a chegada de D. João VI no Brasil em 1808. Desde essa época, ela

mantém seu papel de coleta, preservação e acesso à Memória Nacional, e, mais precisamente, desde 1907, com a criação de uma lei de depósito legal, pela qual todas as publicações editadas no país deveriam enviar um exemplar à instituição. Isso fez do acervo da BN um aporte importante de periódicos lançados no Brasil, desde a imprensa diária até revistas (semanais ou mensais), passando por publicações científicas e outras. Desde meados de 1940 a instituição vem microfilmando seu acervo e, desde os anos 1970, salvaguardando coleções de periódicos (Bettencourt e Pinto, 2013, p. 1).

Com o patrocínio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), em um investimento de 6 milhões de reais, o projeto da Hemeroteca Brasileira foi iniciado em 2011 (LEAL, 2012). A partir do acervo microfilmado foi construído o acervo digital dos jornais publicados em preto e branco. Já o acervo digital dos periódicos coloridos foi obtido a partir do tratamento do material original. A busca por palavras nos documentos textuais é possível devido à utilização da tecnologia de Reconhecimento Ótico de Caracteres (OCR na sigla em inglês), podendo as páginas serem geradas em PDF ou impressas. O site foi lançado em 5 de julho de 2012, com mais de 400 mil acessos mensais no ano seguinte e já conta com mais de dez milhões de páginas disponibilizadas.

Ao nos debruçarmos sobre este panorama de fontes jornalísticas sobre o meio audiovisual, notadamente o rádio mineiro, no qual Helena Ribeiro se insere, será a partir da reunião destas diversas notas, notícias, charges, anúncios, dentre outros textos publicados nas seções destinadas ao rádio. Assim é que conseguiremos reunir algumas peças importantes para a proposição de um quebra-cabeça em forma de breve biografia de Helena Ribeiro.

Para tal, consideramos como metodologia a pesquisa documental e hemerográfica, em busca na plataforma da Hemeroteca Digital, utilizando como palavra chave o nome e o sobrenome da cantora para todos os periódicos disponíveis e, por ora, apenas para o período compreendido entre 1950 a 1959. Para o trabalho aqui apresentado, também procuramos reunir em maior destaque as ocorrências encontradas nos resultados que traziam uma publicação de alcance regional, a revista *Alterosa*, e outra nacional, a *Revista do Rádio*, recorrendo também às demais e destacando, na

medida do possível, fotografias com a cantora. Complementa a análise também uma pesquisa de sua discografia em consulta aos sites *IMMuB* e *Discografia Brasileira*⁴.

Esboço minibiográfico de Helena Ribeiro

Normalmente, era à página 14, da *Revista do Rádio*, que o leitor podia alcançar a coluna de Wilson Ângelo e os destaques de Minas Gerais por ele apontados. A primeira vez que Helena Ribeiro aparece em nosso *corpus* é com a breve nota sobre seu contrato com a rádio Inconfidência: “Helena Ribeiro é a nova contratada da PRI-3. Cantora de bonita voz, tem escolhido repertório de samba-canção.” (Ângelo, 1953, p. 14).

No ano seguinte, a partir de rápida entrevista com a cantora, depreendemos que “acha-se mais ou menos bem paga” na Inconfidência, onde aprecia o programa *Nossa Orquestra Melódica* e reitera seu gosto pelo samba-canção. Solteira e sem religião, nasceu em 27 de agosto em Nova Lima, na região metropolitana de Belo Horizonte. Ingressou no rádio levada por Rômulo Paes, mas se não atuasse ali, gostaria de exercer sua profissão - costureira - que é o que faz fora dele. Gosta de ler, de macarrão e, na roupa, da cor rosa. Aprecia na mulher a personalidade, no homem a sinceridade e não gosta de gente fingida. (Ângelo, 1954, p. 14).

Figura 1 - Helena Ribeiro na rádio Inconfidência



Fonte: *Revista do rádio*, 22 de outubro de 1955, p. 18

⁴ No site da *Discografia brasileira* estão disponíveis para a escuta versões digitalizadas de três canções interpretadas por Helena Ribeiro lançadas em 78 RPM: “Foste embora”; “Teu olhar” e “Zé Fumaça”. Disponíveis em <https://discografiabrasileira.com.br/artista/121365/undefined>. Acesso em 7 de junho de 2025

Em 1955, Helena Ribeiro lança seu primeiro disco 78 RPM, pela Columbia, cantando *Foste embora*, de Geraldo Oliveira e *Teu olhar*, de Marco Antônio Prates - canção esta que também integra uma coletânea, o LP *Lago Azul*, lançado naquele mesmo ano. O disco faz com que Helena, já apontada como “revelação” desde o ano anterior, possa receber esse título no âmbito regional (MG) e ser apontada como uma candidata credenciada ao título de “revelação do disco de 1955” (Careta, 1955, p. 38).

Em março de 1957, Helena é a grande atração do Automóvel Clube de Belo Horizonte (Frade, 1957, p. 19) e as colunas do rádio, tanto nas publicações locais como nas nacionais, anunciam a saída da artista e outros da rádio Inconfidência para a rádio Guarani e TV Itacolomi, ambas ligadas aos Associados, de Assis Chateaubriand.

Em agosto, Helena recebe o prêmio de melhor cantora do rádio de 1956 e Gilberto Santana o de melhor cantor, em concurso promovido pelo célebre semanário *Binômio*, dirigido por José Maria Rabêlo, na capital mineira. A entrega da premiação, feita por Anselmo Domingos, diretor da *Revista do Rádio*, aconteceu em noite especial no auditório da Inconfidência com Ângela Maria. (Alterosa, 1957, p. 14).

Figura 2 - Helena Ribeiro: homenagem como cantora revelação (em 1955/MG)



Fonte: *Careta*, 23 de julho de 1955, p. 38

Figura 3 - Helena Ribeiro e outros: saída da Inconfidência para a Guarani



Fonte: *Revista do rádio*, 16 de março de 1957, p. 18

Figura 4 - Domingos entrega prêmio à Gilberto Santana e Helena Ribeiro



Fonte: *Revista Alterosa*, 01 de agosto de 1957, p. 18

Em 10 de junho de 1958, Helena foi uma das representantes mineiras convidadas para o programa Paulo Gracindo, na rádio Nacional, em uma ocasião especial: o programa iria celebrar o final da turnê do grupo *Os Brasileiros* pela Europa,

formado por Guto de Moraes (maestro); trio Irakitan (Gilvan, João e Edson); Pernambuco do Pandeiro; Diclão (bateria) e Sivuca (acordeon). (Carlos, 1958, p. 54). Uma semana antes, já em solo carioca, recebeu elogios, mas, ao mesmo tempo, o termo *colored* nas páginas de *Mundo Ilustrado*: "Helena Ribeiro, jovem cantora "colored" de Belo Horizonte, está sendo apontada, hoje, como uma das melhores em matéria de voz e interpretação da música popular. Helena apareceu num programa de televisão, no Rio, e foi sucesso" (Mundo Ilustrado 1958, p.47). O *Última Hora*, meses depois, publica uma espécie de complemento que soa ainda mais preconceituoso

Em Belo Horizonte, apareceu uma "lady-crooner", pretinha, bonitinha, chamada Helena Ribeiro. A voz dessa menina está sendo comparada (pelos admiradores mineiros) ao canto de Elizete Cardoso. Helena acontece ser filha de Chico Prêto, famoso ex-beque do selecionado mineiro e atual funcionário da Prefeitura de Belo Horizonte. Porque uma "boite" carioca não manda vir a filha de Chico Prêto, para fazer um teste? As "lady-crooner's" daqui estão tão murchas, mal vestidas e desafinadas. (Última Hora, 1958, p.2)

Em 1959, não mais na Columbia, mas na gravadora Copacabana, Helena Ribeiro participa do lançamento de um LP produzido apenas com artistas mineiros: *Minas canta para o Brasil*. Informação destaque na *Alterosa*, que trouxe foto com Gilberto Santana, Helena Ribeiro, Celso Garcia e a chefe de vendas da gravadora, Josefa Martins.

Figura 5 - Santana, Helena, Garcia e Josefa



Fonte: Revista *Alterosa*, 13 de abril de 1958, p. 87 (foto de Cícero Ricardo)

Neste álbum da Copacabana, Helena aparece cantando duas canções: *Fingimento*, de Paulo Modesto e Eunice Cavazza e uma composição de seu “padrinho” no rádio, Rômulo Paes: *Zé Fumaça*. Curiosamente, tal canção faz uma ligação com outro grande sucesso de Paes, cantado por Dalva de Oliveira, em 1951: *Sebastiana da Silva*. Da mesma forma que Sebastiana e a ela apaixonado, *Zé Fumaça* é um personagem ficcional da Pedreira Prado Lopes, local de onde se retirava o material para a construção da capital mineira e que, por essa razão, tornou-se logo um dos primeiros aglomerados da cidade. Foi ali também da Pedreira que surgiu a primeira escola de samba de Belo Horizonte, *Pedreira Unida*, cujo enredo, coordenado pelos sambistas Popó (Mário Januário da Silva) e Xuxu (José Dionísio da Silva), marcou o início dos desfiles na capital mineira, em 1937.

Zé Fumaça é lançada no ano seguinte, 1960, também em disco 78 RPM tendo do outro lado *Praça Vaz de Melo*, de Celso Garcia, outra faixa do álbum e outro clássico samba belo-horizontino, que retrata a vida boêmia da praça que unia o centro ao bairro da Lagoinha, no qual havia bares diversos e a própria sede da rádio Inconfidência na Feira das Amostras - região que viria a ser completamente desfigurada com a implantação de um complexo de viadutos na capital mineira no final dos anos 1970.

Também em 1960 Helena participa, pela Guarani, juntamente com Maria Marta, cantora da Inconfidência, de outro evento no Rio: o *Grande Festival Rinso* nas comemorações dos 14 anos do programa César de Alencar (Radiolândia, 1960, p.63). Provavelmente também é desse ano ou subsequentes as duas últimas ocorrências em fonogramas encontradas na década, sem data indicada e já por gravadoras independentes, mas, pela primeira vez, trazendo composições próprias: no álbum *Edson Santana e seus convidados* (Discos Yarô), Helena aparece cantando uma música de sua composição e de Zequinha Sena: *Belas frases no ar*. Já no álbum *O Sol vem surgindo*, de Lourdes Borges, Nelson Catito e Os Astros, gravadora Sol Nascente, ela canta *Exaltação à Brasília*, também de sua própria autoria, em homenagem à capital federal recém-inaugurada.

Considerações finais

Em nosso trabalho, produzimos um primeiro esboço minibiográfico de Helena Ribeiro, nome ligado à produção radiofônica mineira, para ilustrar a importância do exame das seções dedicadas à televisão e ao rádio nos periódicos nacionais como fonte

importante para a pesquisa e para a memória destas mídias. Destacamos, nesse procedimento, o papel da Hemeroteca Digital e de seu sistema de busca, que permitiu reunir informações para tal a partir de várias notas e entrevistas na imprensa.

De forma reiterada, apontamos como Helena Ribeiro se integra a intérpretes, compositores, *speakers*, além dos técnicos e tantos outros anônimos que pertenceram à geração do rádio, mas que hoje se encontram e permanecem absolutamente invisíveis, inaudíveis, esquecíveis... E ainda, pela visada interseccional, também a amostragem evidencia - sobretudo pelas citações de *Mundo Ilustrado* e *Última Hora* - que, enquanto artista mulher e negra nos anos 1950, como várias outras, Helena Ribeiro teria de enfrentar variadas discriminações para ganhar espaço no meio artístico.

Se ligamos o rádio e a TV brasileiras, que são o que são hoje por causa dessas pessoas, elas estão, em sua grande maioria, ausentes de várias representações dessa história. Salvo uma ou outra honrosa exceção de emissora pública ou iniciativas pontuais em canais privados, são nomes, canções e biografias esquecidas - que podem encontrar, talvez nessa proposição metodológica bio-hemerográfica uma oportunidade de serem desvendados mais detalhes a partir dos lugares de memória midiática e arquivística nacional e, quem sabe, serem devolvidos ao “éter” da rádio.

Referências

ÂNGELO, W. Notícias - Minas. **Revista do Rádio**, 27 de outubro de 1953, p. 14

ÂNGELO, W. Notícias - Minas. **Revista do Rádio**, 20 de fevereiro de 1954, p. 14

ÂNGELO, W. Notícias - Rádio e TV de Minas. **Revista do Rádio**, 16 de março de 1957, p. 54

BETTENCOURT, A. M. M. e PINTO, M. R. S. A hemeroteca digital brasileira. **XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação** – Florianópolis, SC, Brasil, 07 a 10 de julho de 2013.

CARVALHO, C. A. de. Sobre a notícia e reportagem a partir da noção de cotidiano. IN: CARVALHO, C. A. de; BRUCK, M. S. **Jornalismo: cenários e encenações**. São Paulo. Intermeios, 2012, pp.147-161.

CARETA, Música em discos. **Careta**. 23 de julho de 1955, p. 38.

CARLOS, Roberto. “Os Brasileiros” brilharam no programa Paulo Gracindo. **Radiolândia**, 5 de julho de 1958, p. 54

COLOMBO, F. **Os arquivos imperfeitos**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

CRENSHAW, K. 1989. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidis-crimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics.** University of Chicago Legal Forum, 1989(1): 139-167

FRADE, W. Sociedade. **Revista Alterosa.** 01 de março de 1957, p. 10

IMMuB - Instituto Memória Musical Brasileira. Helena Ribeiro - artista. **IMMuB - Instituto Memória Musical Brasileira.** Disponível em https://immub.org/artista/helena-ribeiro?interprete_1=Helena%20Ribeiro. Acesso em 07 de junho de 2025.

LEAL, B. Biblioteca Nacional e Online: entrevista com Angela Bettencourt In: **Café História.** Em: <https://www.cafehistoria.com.br/biblioteca-nacional-e-online> /. Publicado em: 21 ago. 2012. ISSN: 2674-5917.

MADUELL, Ítala. O jornal como lugar de memória: reflexões sobre a memória social na prática jornalística. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)** - v.4, n.1, jan./2015 - jun./2015 - ISSN 2238-5126.

MUNDO ILUSTRADO. 03 de junho de 1958, p. 2

RADIOLÂNDIA. Maria Marta brilha no “Rádio Revista Radiolândia” às quintas na rádio Inconfidência. **Radiolândia**, 5 de julho de 1958, p. 54

REVISTA ALTEROSA, Fotos e legendas - os melhores do rádio. **Revista Alterosa.** 01 de agosto de 1957, p. 18

REVISTA ALTEROSA. Os cantores e a chefe de vendas. **Revista Alterosa**, 13 de abril de 1958, p. 87

TEIXEIRA, N. Jornais. In: CALDEIRA, P. T. e CAMPELLO, B. S. **Introdução às fontes de informação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.67-87

ÚLTIMA HORA. 26 de setembro de 1958, p.2.

ZILLER, J. BARRETOS, D. do C. XAVIER, K. do C. HOKI, L. Sapatão+: lesbianidades negras, gordas, mais velhas e com deficiência nas plataformas de mídias sociais. In: **Revista Fronteiras** - estudos midiáticos. São Leopoldo, Unisinos, jan/abr 2022.